

O Ensino das Patologias do Desvalimento

Ensaio

Gecelda Aparecida Nunes Silva

Psicóloga. Membro da Fundação Universitária
Mário Martins.

José Facundo Passos de Oliveira

Membro Titular da Sociedade Brasileira de
Psicanálise de Porto Alegre.

O presente trabalho visa exemplificar, através do conteúdo de uma poesia gauchesca, a relação transferencial e complementar do terapeuta nas patologias do desvalimento, com o objetivo de ensino. Tenta demonstrar através de outra poesia feita pela autora a elaboração desse aprendizado.

As mudanças psíquicas deveriam ser funcionais até os cinco anos de idade. Obedecem, no entanto, as vivências provocadas pelos instintos libidinais e agressivos e pela realidade externa que determina o desenvolvimento do Ego, que através dos ideais do ego, estruturam o terceiro ano – o Super-Ego.

Os mecanismos de defesa funcionais das etapas do desenvolvimento, podem se tornar patológicos em função das fixações. Após a estruturação da personalidade básica na infância, as crises vitais e acidentais desencadeiam modificações psíquicas e determinam o destino do indivíduo, permitindo ou não que possa concluir seu ciclo vital até um envelhecimento saudável.

O processo funcional sofre modificações espontâneas. A psicanálise visa interferir, ativamente, na estória estabelecida, provocando através da relação terapêutica a modificação das estruturas com suas defesas patológicas. Para tal, dependemos das capacidades e recursos de ego do analisando e da versatilidade complementar do ego do analista, para que nessa nova dupla se crie uma saída terceirizada.

Nesse sentido, além da importância da técnica, dependemos muito da personalidade do analista e para citar algumas qualidades, a sua vitalidade, análise pessoal, a experiência clínica, flexibilidade e bagagem teórica.

Através da poesia de Jayme Caetano Braun, “O Cordeiro Guacho”, vamos apresentar metaforicamente, um exemplo de como o analista deveria abordar uma patologia ou corrente de DESVALIMENTO.

Atualizando, lembramos que as patologias do desvalimento correspondem a um período do desenvolvimento precoce onde a libido intrassomática sofre um prejuízo na qualificação dos afetos corporais e impede que o ego real primitivo transforme os ritmos e frequências corporais em matiz afetivo. Ocorre uma desestimação dos afetos. Falhas empáticas até os primeiros quarenta dias de vida, favorecem a fixação nesse período que podem levar a patologias traumatofílicas e tóxicas, como as Adições, Epilepsias e Afecções Psicossomáticas.

Permitam-me recitar a poesia.

Por favor, imaginem que o gaúcho que socorre o cordeiro guacho e que realiza um ato espontâneo, corresponda ao ato consciente e empático de um analista que embasado teoricamente atua reconhecendo a existência de uma corrente desvalida.

Poesia: Cordeiro Guacho – Jayme Caetano Braun

Aquele cordeiro guacho,
Deitado ali no baldrame,
Salvei da corvada infame
Numa tarde de garoa.
Andava berrando – à toa,
Com poucos dias de idade,
Pois ficara na orfandade,
E ali – com toda certeza,
Ia ser a sobremesa
De um corvo sem piedade.

Logo que me viu – coitado,
Correu direito ao cavalo,
Sou índio que não me abalo,
Mas me achiiquei nesse dia,
Pois o pobre parecia,
Solito ali no varzedo,
Uma criança com medo,
Quando se perde dos pais.
Nem bem o peguei – no mais,
Ficou chupando meu dedo.

Encarangado de frio,
Levei-o adiante, pra o rancho,
Seguido por um carancho
Que esvoaçava, em mau agouro,
Depois – o bico de couro,
A garrafa – o leite quente,
Que ele chupou, como gente,
Entre resmungos de choro.

Desde então – esse guachinho,
É mais um filho que tenho.
E de manhã – quando venho
Chimarrear junto ao fogão,
Corre a me lambar a mão,
Se esfregando carinhoso,
Assim – como piá mimoso,
Quando nos pede bênção.

Faz arte e estrepolias,
Qual o guri que não faz?
Pula, pra diante e pra trás,
Quando seca a mamadeira,
Entra dentro da peneira
Onde debulho a ração,
Sobe em cima do tição
E até me vira a chaleira.

E há os que não gostam de guachos,
Porque incomodam demais,
Talvez, porque, tendo pais,
Nunca lhes deram valor,
Ou desconhecem a dor
Dos que ficaram sozinhos
E andam campeando carinhos,
Nas mendicâncias do amor.

Eu não fui criado guacho,
Graças ao Deus Soberano.
Mamei até o sobre-ano
Sem misérias nem surpresas
Porém conheço as tristesas
Dos guachos – sem lar nem teto
E sei que a fome de afeto
É a mais cruel das pobreza.



E é por ter pena dos outros
Que andam solitos na terra
Que quando esse guacho berra
Meu peito xucro se amansa.
Pois eu sinto, na confiança
Que inspiro ao pobre borrego,
O mesmo anseio de aconchego
Que tive, quando criança!

Comentários

Tendo sido convidada e aceitado o convite para comentar o trabalho do Dr. José Facundo sobre a Função Complementar do analista com paciente Desvalido, o qual seria apresentado na nossa Jornada anual, fiquei apreensiva, pois não sabia se seria capaz de fazê-lo. Por um período, me senti angustiada com vontade de desistir.

Era início de noite quando li a poesia Cordeiro Guacho. Pensei que talvez eu pudesse fazer meus comentários em forma de versos também. Mas logo, esse pensamento se perdeu. Porém, ao deitar-me, o sono não veio. Retornaram os pensamentos sobre os comentários e começaram a surgir estrofes inteiras da poesia. Elas jorravam de minha mente para o papel. Ao mesmo tempo, eu cantava a estrofe de uma música, a qual não conseguia afastá-la da mente.

Intrigada, busquei informações sobre ela. Percebi que a letra da música expressa intensa afetividade, sendo disso que o paciente desvalido necessita que o analista possua, além dos outros atributos já citados, para fazer frente à sua desestimação afetiva. A estrofe da música diz assim:

Quando gira o mundo
E alguém chega ao fundo
De um ser humano,
Há uma estrela solta
Pelo céu da boca,
Se alguém diz te amo
E uma esperança
Desce junto com a madrugada,
Como o sol surgindo
Cada vez mais lindo
Pela nossa estrada...¹

¹ Música "Quando gira o mundo" de Fábio Júnior.

De uma sensação de desvalimento, fui tomada por uma vitalidade que transbordava em mim, e que é exatamente como me sinto quando trato um paciente desvalido.

Como membro da Fundação Universitária Mário Martins, e tendo feito um ano de Mestrado em Psicopatologia do Desvalimento pela UCES (Universidade de Ciências Empresariais e Sociais) de Buenos Aires, procuro demonstrar aqui, minha elaboração desse aprendizado. Vou agora apresentar minha poesia.

Função Complementar do Analista com Paciente Desvalido

A poesia nos fala
De um ser desprotegido
Que por não ter mãe nem pai,
Se encontrava desvalido.

Não raro, no consultório.
É como chega um vivente
Tal qual o cordeiro guacho
Apenas sobrevivente.
Por essa triste razão,
Ele é hoje um paciente.

Assim, se encontra o coitado!
Sua dor não tem medida
Muito cedo desmamado
E ao ser abandonado,
Fica um buraco ou ferida
Como esse cordeiro guacho
Que andava morto em vida.

Tendo sido afastado
Dos cuidados e do afeto
Carrega dentro de si,
Um mundo seco, deserto.

Mas isso, está encoberto
E ele não sabe dizer
Precisamos revelar
Pra que ele possa viver!

A forma como se porta,
Vai oferecendo pista

Onde faltou pai e mãe,
Entra a função do analista
E assim como na arte,
Nasce, a obra do artista!

Pois quis a sorte ou destino
Promover esse encontro
Paciente e terapeuta
Retornam àquele ponto

E através do nosso olhar,
Do sentir e do pensar:
Com tolerância e paciência,
Vamos assistir brotar
Um sentido à sua existência!

Como recita o poeta,
O cordeiro vira filho.
Também com nosso paciente,
Ao dar conforto e constância
Vamos devolver o brilho
Perdido na sua infância!

Pra quem não sabe vou contar
Desculpem a prepotência
Esse jeito de atender
Esse modo de cuidar
É a função complementar
Modelo de continência!

Conclusão

Nesse texto, além de exemplificar através de uma poesia como ocorre a complementaridade da função do analista no atendimento de pacientes desvalidos, concluimos com outra poesia de elaboração própria, em que demonstramos como experenciamos afetivamente esse conhecimento.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA

Revisão de português: Ana Rachel Salgado

Gecelda Aparecida Nunes Silva

Rua Professor Annes Dias, 154 conj. 805

90020-090 Porto Alegre – RS – Brasil

e-mail: gecelda.nunes@terra.com.br